

Nilda Alves  
**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM IMAGENS E NARRATIVAS:**  
memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje

Lucília Augusta Lino\*

- 
- ALVES, NILDA GUIMARÃES. Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2019. v. 1. 160p. ISBN: 9788524927348

Nilda Alves é uma referência importante na Universidade brasileira. Com ampla e reconhecida produção acadêmica, tem artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais assim como dezenas de livros e outras publicações. Tem ainda profícua atuação na pesquisa e pós-graduação, aliada a marcante presença no ensino e centenas de orientações. Entretanto, merece destaque sua militância no campo da educação e sua generosidade como gestora de projetos, cursos e entidades. Foi presidente da Anfope (1992-1994), da Anped (2000-2004) e fundadora e primeira presidente da Associação Brasileira de Currículo - ABdC (2010-2014). Ativa militante sindical, foi presidente da ASDUERJ – o sindicato dos professores da UERJ.

Professora titular na Faculdade de Educação/UERJ e na Faculdade de Educação/UFF, aposentada em ambas, atualmente é Pesquisadora visitante sênior da Faperj, em dois programas de pós-graduação da UERJ: o PROPED - Programa de Pós-graduação em Educação (campus Maracanã) e o PPGE-Processos Formativos e Desigualdades Sociais (campus São Gonçalo). Suas pesquisas articulam formação de professores, cotidianos escolares, redes educativas, imagens e sons, tendo fundado o Laboratório Educação e Imagem/ProPEd/UERJ, em 2001, que coordenou até 2014 e onde continua atuando.

O livro *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas*, lançado no X Seminário internacional *As redes educativas e as tecnologias: liberdade acadêmica, produção e circulação de conhecimentos*, evento realizado na UERJ, entre 1 e 4 de julho de 2019, é uma de suas mais recentes produções. A obra traz 15 histórias que resgatam memórias de processos didáticos e curriculares vivenciados pela autora em sua trajetória escolar,

como estudante e professora da educação básica. Segundo a autora, o trabalho tem a pretensão de nos ajudar a pensar as escolas hoje, e a compreender as chamadas ‘práticas pedagógicas’ nos processos curriculares. No meu entender, a autora é feliz em sua proposição, pois lendo as *memórias* construídas nas *vivências/experiências* nas escolas e as redes e conversas com seus ‘*praticantes/pensantes*’ nossa compreensão desses processos é ampliada, desnaturalizando o olhar e provocando a reflexão.

As histórias trazem uma série de narrativas tão vívidas, com singelas imagens de um passado comum, que vemos acordar nossas próprias memórias e lembranças da vida escolar. Nilda Alves rememora fatos e ‘causos’ da sua própria infância e de sua trajetória escolar na rede pública do então distrito federal, posteriormente Estado da Guanabara, que nos fazem refletir sobre temas que ainda hoje constituem desafios à formação: as dificuldades da escola e seus profissionais em lidar com as diversidades étnicas, de gênero e religiosa entre outras, a avaliação, a meritocracia, o bullying, entre tantas. Os desafios persistem e se intensificam nas histórias vivenciadas em sua ampla experiência como professora, em diversos *espaços/tempos*, em interação com *praticantes/pensantes* que ajudam a criar coletivamente *conhecimentos/significações*, que provocam mais e mais reflexões sobre o cotidiano atual.

A leitura é fácil e deliciosa, entremeada por citações, imagens, recordações e análises. A autora conversa com o leitor, numa tentativa bem sucedida de estender as ‘redes de conversa’ que relata nas diversas histórias a muitos outros espaços e sujeitos. Nesta obra, em cada história os temas preferenciais da autora, que norteiam seu labor de pesquisadora, estão presentes: o pensar os cotidianos, a produção de sentidos, as redes educativas e artefatos nos cotidianos. Suas memórias como estudante e professora, suas memórias sobre a escola, as salas de aula, trazem um olhar sobre os cotidianos escolares e as práticas curriculares, as didáticas, a produção de conhecimentos e o estabelecimento de redes educativas que se multiplicam atribuindo significados vários ao processo de ensinar/aprender, e em especial aos artefatos culturais, marcados por rica diversidade tão necessária ao momento atual, já transmutados em artefatos curriculares.

Cada uma das quinze histórias trata de um ou mais de um tema, e é dedicada amorosamente a pessoas – colegas, professores, ex-estudantes, familiares. Apenas para aguçar a curiosidade do futuro leitor indico os temas e cito alguns dos homenageados mais conhecidos.

Sobre as quinze histórias:

A *primeira história* é ‘sobre a dura vida das professoras e dos professores e sua táticas de trabalho, entre elas, um bom planejamento para um período de atividades’, em que narra uma gostosa história da professora que adormece enquanto os alunos realizam uma tarefa. A *segunda história* traz um relato que nos desafia a pensar ‘para além do

racismo e da insistência em negar que ele existe no Brasil' e é dedicada a Nilma Lino Gomes.

A *terceira história*, dedicada a Stela Caputo, trata das 'escolas como *'espaçostempos'* de convivência democrática e de respeito pelos outros', e traz o debate sobre a influência religiosa nas escolas, tão atual no presente momento; enquanto na quarta história, a autora homenageia seus orientandos, ao falar 'sobre tantos recursos pedagógicos nas escolas', com uma pitoresca memória sobre a função do esqueleto.

A *quinta história* é 'sobre as relações docentes-discentes' e traz uma reflexão sobre a pergunta que muitas vezes, nós, os professores fazemos: Onde eu errei? E na sexta história, Nilda conta com muito humor como apreendeu numeros ordinais e cardinais e reflete sobre 'o que se aprende *'dentrofora'* das escolas'.

A *sétima história*, dedicada a Ana Karina Brenner, aos presidentes da ANPED e às lideranças dos movimentos sociais, é 'sobre o trabalho coletivo de professores e professoras'; e a oitava história é 'sobre formas e conteúdos', dedicada a Elizabeth Macedo e a Alice Casimiro Lopes.

A *nona história* é sobre a 'organização dos *'espaçostempos'* e é dedicada a Regina Leite Gracia e a Luiz Carlos Manhães, onde a autora reflete a contraposição entre as formas 'oficiais' de apropriação e controle desses *'espaçostempos'* e inventividade permanente de alunos e professores e suas criativas para o 'uso' dos *'espaçostempos'* no cotidiano das escolas.

A *décima história* é sobre 'movimentar os estudantes, sabendo que eles sabem muito', e o respeito às diferenças de *'conhecimentosignificações'*, dedicada a Antonio Pinheiro e Carlos Eduardo Ferraço. Na *décima primeira história*, dedicada a Paulo Carrano, traz a reflexão sobre 'o que sabem nossas crianças e jovens' a partir de uma narrativa sobre a crise do arroz no Rio de Janeiro, em período imediatamente anterior ao Golpe de 1964, envolvendo os então governadores Carlos Lacerda e Leonel Brizola e a escolarização de crianças na periferia urbana.

A *décima segunda história* é 'sobre merenda escolar', dedicada a duas amigas de longa data da autora, Ligia e Tania, traz para a formação de professores a discussão sobre os direitos da infância e a dificuldade de se aprender com fome. A *décima terceira história* tematiza a 'música e outras artes na escola', e fala de um sonho, uma proposta curricular que articulasse a arte em todas as suas dimensões criando *'conhecimentosignificações'*, solidariedades e emoções.

A *décima quarta história*, sobre 'lidar com o inesperado e pensar a formação', tem um significado especial para a resenhista, pois é dedicada á militantes anfopeanos e por isso a trtanscrevo, integralmente:

Esta história dedico a todas as presidentas da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), na certeza de que Luiz |Carlos de Freitas, seu primeiro presidente, se incluirá no feminino que dei à palavra. À luta dessas educadoras que desde 1983 buscam criar formas coletivas de *fazerpensar* a formação de professoras e professores que melhor sirvam ao Brasil e às suas crianças e jovens.

Dedico, também, a Luiz Dourado que, no Conselho Nacional de Educação, foi o relator da proposta que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior do educador que se transformou na Resolução n. 2/2015, do CNE, e incorporou, dentro do possível, essa luta de décadas.

Finalizando, a *décima quinta história* é ‘acerca de doenças endêmicas da infância no Brasil’ e o que isto tem a ver com a formação de professores e a dualidade educacional brasileira, há quarenta anos e ainda agora.

O livro termina com um convite da autora ‘para continuar a *conversa*’, nos tantos ‘*espaçostempos*’ que trazem possibilidades de rupturas, e também continuidades, nas práticas os ricos, plurais e sempre imprevisíveis cotidianos da escolares. Nilda Alves finaliza o livro apresentando uma breve síntese de sua produção em pesquisa ‘sobre as redes educativas que formamos e que nos formam’, trazendo algumas reflexões sobre diferentes redes educativas e ‘*prácticasteorias*’ da formação acadêmico-escolar, das pesquisas em educação, das ‘*prácticasteorias*’ pedagógicas cotidianas, de criação e uso das artes, da produção e uso das mídias, das políticas de governos, das ‘*prácticasteorias*’ coletivas dos movimentos sociais e de vivências nas cidades, nos campos e nas beiras das estradas, entre tantas outras possibilidades. O processo contínuo de construção e fortalecimento das inúmeras e complexas redes educativas entre os tantos *dentrofora* das escolas é permanente e imprevisível. Ousemos criar, somos todos *docentesdiscentes* e *discentesdocentes*.

Nilda Alves, com suas histórias/memórias nos cativou e provocou muitas e várias reflexões. Me senti como Cora Coralina, com portas e janelas escancaradas e muros extravassados, me fazendo ao largo da vida.

Recebido em: 03 jul. 2019.  
Aprovado em: 05 jul. 2019.

\*Lucília Augusta Lino é Doutora em Educação pela PUC-Rio, professora associada da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professora aposentada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Presidente da Anfope.

E-mail: lucilialinop@yahoo.com.br